

A PRODUÇÃO DA DIFERENÇA APRISIONADA NA IDENTIDADE SURDA

VIOLETA PORTO MORAES¹; MADALENA KLEIN²

¹ Universidade Federal de Pelotas – viomoraes@ibest.com.br

² Universidade Federal de Pelotas – kleinmada@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Com esse trabalho, pretendo problematizar como vem se constituindo o conceito de identidade surda nas escritas dos surdos acadêmicos. Vejo que a produção dos discursos nesses escritos de surdos acadêmicos não é algo tranquilo, mas traz para a arena social disputas e imposições pelo que é válido ou não. O sujeito foi e está sendo produzido nesses discursos, não existindo um sujeito prévio esperando para ser desvelado. Este texto é um recorte de uma pesquisa de mestrado, em andamento, que busca tencionar como os efeitos de verdade produzidos no interior dos discursos sobre os surdos-acadêmicos-militantes vêm constituindo o movimento surdo e jeitos de ser surdo nesta Contemporaneidade.

Esses discursos narram o surdo como um sujeito que “desperta” e “descobre” a sua identidade no contato com a comunidade surda. Entendo o conceito de discurso enquanto um conjunto de práticas que formam os objetos de que falam e, nesse sentido, vou problematizar os efeitos que o discurso produz e está produzindo. Assim como afirma Veiga-Neto (2007, p. 31) “o que dizemos sobre as coisas nem são as próprias coisas [...], nem são uma representação das coisas [...] ao falarmos sobre as coisas, nós as constituímos”.

2. METODOLOGIA

O lugar a partir do qual eu falo e me movimento, é atravessado pelas possibilidades de estar sendo. É o lugar das invenções de linhas de fuga, dos desvios, dos tencionamentos, das problematizações, dos deslocamentos, dos escapes, que rompem com o esperado pela normatividade. É o lugar onde “[...] a diferença é o que vem primeiro e é ela que devemos fazer proliferar em nossas pesquisas. [...] procuramos exaltar a diferença e a multiplicidade em vez da identidade e da diversidade” (PARAÍSO,2012,p.31). Escolhi como material de análise alguns artigos do livro “Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas” (2012). A escolha deste livro como corpus de análise se dá pelo fato de este ter autores surdos como também ser organizado por duas pesquisadoras surdas. Destaco que logo na apresentação é dito pelas organizadoras Gládis Perlín e Marianne Stumpff: “ O livro [...] é produto de um projeto de extensão objetivado a captar entre nós, surdos [...]” (2012, p.5). Os artigos analisados neste texto, foram aqueles que traziam em seu título a palavra “identidade”. Por que as escritas dos surdos? Penso que tanto na comunidade surda quanto na comunidade acadêmica há uma insistência na citação de autores surdos. Isso é feito tanto por surdos quanto pelos ouvintes, e desse modo aquilo que é dito pelo surdo ganha legitimidade e autoridade quando a negociação de significados está permanentemente em jogo.

Neste trabalho, vou centrar minha análise nos artigos¹: “IDENTIDADES SURDAS: o identificar do surdo na sociedade (p. 21-28) de Emiliana Faria Rosa” e “MOVIMENTO SURDO: Identidade, língua e cultura (p.139-148) de Ana Luiza Paganelli Caldas” .

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Olhando para produções acadêmicas escritas por sujeitos surdos, é possível notar que o conceito de identidade atravessa esses escritos surdos e tem efeitos na constituição dos sujeitos. Percebo esse conceito como algo legitimado, autorizado e reafirmado pelo discurso dos surdos acadêmicos e que se prolifera nas diferentes instâncias sociais. *O lugar da construção da identidade surda são indicados nas produções acadêmicas dos surdos; ela acontece em escolas de surdos, no contato com surdos adultos, Universidades.*(CALDAS, 2012, p. 144)

Nesse sentido, trago Hall (2000, p. 103) com a seguinte provocação: “Quem precisa de identidade? [...] os movimentos sociais e culturais necessitam de identidade para suas ações e lutas políticas”, e assim entendo isso como uma estratégia de luta, como um campo de militância política desses diferentes grupos, incluindo aí os surdos que se utilizam dessa estratégia para a reivindicação de um lugar. Porém, essa necessidade de “reafirmar uma identidade” impossibilita o sujeito surdo de vir a ser de outras formas, de se constituir de outros modos. Em um dos artigos analisados (ROSA, 2012, p.22) é feita a seguinte problematização “*mas como se cria, ou melhor, como se descobre uma identidade surda? Recorre-se a Perlín para elucidar tal pergunta*”:

[...] a convivência nos movimentos surdos aproxima a identidade surda do sujeito surdo. A união de surdos cria outras “nuvens” de relações que são estabelecidas em um parentes com virtual. Este parentesco virtual das identidades surdas se sobressai no momento da busca de signos próprios com um vasculhamento arqueológico: proximidade surdo-surdo, entraves e conquistas na história, pensar surdos, cultura surda. (PERLÍN, 1998, p. 34)

Essa busca pela fixação de um lugar, por marcar a diferença surda na identidade, ou então, esse movimento pela afirmação do ser surdo não estaria fixando a diferença na identidade? Essa necessidade de “afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora” (SILVA, 2000, p.82). Dessa forma, o processo acaba se tornando um fim em si mesmo, dentro de um movimento que já tem uma identidade nomeada, produzindo um único modelo de identidade surda. Ainda nessa lógica, a identidade é tida como algo que se tem ou, caso não se tem, é preciso “descobri-la”.

Identidade a ser descoberta se apresenta no momento em que o surdo toma contato com a cultura surda, modificando assim seu entendimento do que se é, ou ainda, é uma identidade que não está presente no sujeito surdo, mas que ele tem consciência de que existe e move-se pela conquista de tal identidade. (ROSA, 2012, p.26). Não se trata de cair na armadilha de trocar uma identidade pela outra e sim de olhar para as múltiplas posições que esses sujeitos ocupam nos permanentes processos de diferenciação.

1Os excertos retirados dos artigos para a análise neste trabalho serão apresentados em itálico fim de diferenciá-los do corpo do texto.

Nos excertos que analisei até aqui a diferença é vista como diversidade, é festejada e capturada no diferente. Esse diferente é identidade e não diferença, pois é preciso explicar, descrever, hierarquizar através do discurso excludente que tenta fixar uma identidade e constantemente reafirmá-la.

4. CONCLUSÕES

Tomaz Tadeu (2012) no artigo “Tinha horror a tudo que apequenava...” argumenta que em contraste com a concepção que entende a diferença entre duas coisas ou dois termos, Deleuze vai insistir na concepção de uma diferença pura, da diferença em si (TADEU, 2012, p.8). Nesse momento, quando escolho trazer esse entendimento de diferença para encaminhar o final desse texto, tenho como objetivo apresentar o “não-lugar” no qual me posicionei. Esse “não-lugar” onde as certezas e as verdades só existem para serem colocadas permanentemente em suspenso, que nos tira o chão, nos coloca no (des)caminho e nos possibilita o constante pensar o impensável. Foucault (1994, p.13) ao falar sobre a atividade filosófica faz a relação desta com o trabalho do pensamento sobre o próprio pensamento: “se ela não consiste, ao invés de legitimar aquilo que já se sabe, num empreendimento de saber como e até que ponto seria possível pensar de outro modo?”

A diferença que problematizei nesse texto é a diferença aprisionada na identidade que captura, fixa e que é entendida como diversidade. Paraíso (2012, p.31) corrobora com essa inferência: “A identidade, nesse pensamento, que tem como critério a diversidade, reduz o diverso a um ponto comum; busca a reunião, o agrupamento, a identificação das coisas, das pessoas.”

Se devemos nos colocar em relação à questão da identidade, deve ser enquanto somos seres únicos. Mas as relações que devemos ter com nós mesmos não são relações de identidade; devem ser relações de diferenciação, de criação, de inovação (FOUCAULT, 2004, p. 266). Penso que na contemporaneidade o conceito de identidade aprisiona, engessa o sujeito, por isso proponho “pensar a diferença em si mesma e na relação do diferente com o diferente, independentemente das formas da representação que as conduzem ao Mesmo e as fazem passar pelo negativo” (DELEUZE, 1988, p. 16).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. **Identidades Surdas: o identificar do surdo na sociedade.** In: PERLIN, Gládis; STUMPF, Marianne. (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas.** Curitiba-PR: CRV, 2012, p. 139-148.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** Tradução de Luís Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. Sexo, poder e a política da identidade. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. In: VERVE: **Revista Semestral do NU-SOL** - Núcleo de Sociabilidade Libertária/ Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP, n. 5. São Paulo: o Programa, 2004. Disponível em: <<http://www.nu-sol.org/verve/pdf/verve5.pdf>>. Acesso em: 20/06/2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade.** Vol 2: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1994, p. 13.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Tomaz Tadeu (Org). **A identidade e a diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

PERLIN, Gládis; STUMPF, Marianne. (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba-PR: CRV, 2012.

PERLÍN, Gládis. **Histórias de vida surda: identidades em questão**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

ROSA, Emiliana. Identidades Surdas: o identificar do surdo na sociedade. In: PERLIN, Gládis; STUMPF, Marianne. (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba-PR: CRV, 2012, p. 21-28.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: Tomaz Tadeu (Org). **A identidade e a diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

TADEU, T. Tinha horror a tudo que apequenava... Biografia intelectual. **REVISTA EDUCAÇÃO** –Especial: Deleuze Pensa a Educação nº6. 2^a ed. São Paulo: Editora, 2012 (6-15).

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares...In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em Educação**. 3^a Ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 23-38.